

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 2500
Assinatura anual 20\$00

ANO XXIII

FEBREIRO DE 1962

N.º 185

O Dia do Lar Cristão e o Altar da Família

Em 10 de Fevereiro

Neste outro ano que o Senhor na sua divina misericórdia nos concede, convém, prezado Irmãos que renovemos, muito do fundo do coração a nossa consagração ao serviço missionário, ao serviço da Mensagem. Neste desabar da sociedade a que estamos assistindo em consequência de doutrinas que negam a unidade e a santidade da família, continua de pé a grande força espiritual que dimana do lar cristão e que através dos tempos foi, sempre, a pedra de esquina da sociedade. Quando as várias instituições político-sociais baquearam no início da Idade Média perante as invasões dos Bárbaros, foi ainda a família que conseguiu reagrupar, como célula básica e fundamental, todas as forças criadoras que reconstruíram a sociedade.

Temos o privilégio de possuir as normas divinas de um Lar Cristão, de um lar que seja o prenúncio do Lar Celestial.

Satanás bem reconhece e compreende a importância de um lar cristão. Por isso está desencadeando contra ele a fúria dos seus ataques procurando lançar a perturbação, o descontentamento, a incompatibilidade entre os seus membros, para que dividindo-se e separando-se se lancem no caminho da perdição eterna.

«Satanás faz todos os esforços para desviar o povo de Deus; e é bem sucedido no seu desígnio, quando a vida religiosa é como que sufocada pelos cuidados dos negócios; quando consegue que os mesmos negócios absorvam a mente de tal maneira que os membros do lar não tenham tempo.

Isto no que diz respeito aos lares mundanos, onde Satanás se instala com facilidade para os desunir e liquidar.

Mas, prezados Irmãos, não vamos supor que o Arcaño rebelde e pai da mentira não procura, também, e, violentamente, assaltar os nossos lares, os lares cristãos, os lares adventistas.

Vejamos o que nos diz a esse respeito a Irmã White.

«Satanás faz todos os esforços para desviar o povo de Deus: e é bem sucedido no seu desígnio, quando a vida religiosa é, como que sufocada, pelos cuidados dos negócios, quando consegue que eles absorvam de tal maneira a mente dos crentes, que estes não encontram tempo para ler a Bíblia, para fazer as suas orações particulares nem para manter a oferta de louvor e de acção de graças que devem queimar no altar do sacrifício pela manhã e à tarde.» (Testemunhos, Vol. V, pág. 426).

Hoje em dia, queridos Irmãos e Irmãs, um grande perigo ameaça, também infiltrar-se e, muito surretamente, nos nossos lares. É o MUNDANISMO. Sabemos bem que os primeiros crentes do Advento eram um povo sincero, confiante e nada mundanos. Voluntariamente sacrificaram os seus bens e até a vida para proclamarem a gloriosa Mensagem.

Hoje, porém, ao condicionalismo de ordem técnica e social em que vivemos, o mundanismo ameaça introduzir-se no seio da Igreja.

Talvez ocorra perguntar: Que é o mundanismo?

É a vida vivida sem Deus, quer no lar, quer nos negócios ou nos prazeres. É a maneira secular e materialista da vida que nos rouba o verdadeiro sentir acerca de Deus e das coisas espirituais. É viver para as coisas que são vistas, numa total indiferença para as coisas que não se vêem.

É esta atmosfera eivada de materialismo que está invadindo a sociedade humana e se está infiltrando nas instituições educacionais e comerciais, nos lares e até na mesma igreja.

É claro que vivemos no mundo; temos de viver no mundo. Mas como, e em que condições?

(Continua na pág. seguinte)

Prezados Irmãos:

Por absoluta carência de espaço não nos foi possível publicar, no último número a habitual *Página Editorial*.

Reconhecendo a necessidade de ampliar a nossa Revista, foi resolvido publicá-la com maior número de páginas, para que seja possível corresponder ao seu objectivo de ser, devida e proficientemente, não só órgão de informação das actividades das nossas igrejas, mas também um precioso repositório de estudo doutrinário, apologético e explicativo dos nossos princípios denominacionais.

Por isso, a REVISTA ADVENTISTA com o aumento de páginas, a partir deste número vai sofrer, também, substancial melhoramentos de modo que se torne não só altamente desejável, em todos os lares adventistas, mas também absolutamente imprescindível.

Entre as novas secções que aparecerão, com a máxima regularidade, conta-se a do noticiário relativo aos nossos campos de trabalho evangelístico.

Contamos com a vossa nunca desmentida generosidade, prezados Irmãos, para podermos apresentar a REVISTA ADVENTISTA a contento de todos.

O preço que lhe é, agora, atribuído, está longe de cobrir os encargos que a sobrecarregam. Mas, não olhamos, nem podemos olhar a lucros materiais, pois só contam os lucros espirituais.

Anunciamos, portanto, que o novo preço da REVISTA ADVENTISTA passa a ser de 30\$00 por assinatura e 3\$00 avulso.

Prezados Irmãos! Que a nossa REVISTA receba da vossa parte o melhor acolhimento, como bem merece e o Salvador espera de todos nós.

A VIDA RELIGIOSA

Ainda quase no início do novo ano, cumpre-nos, prezados Irmãos fazermos o bom propósito e cumpri-lo, com a ajuda de Deus, de nos lançarmos a fundo numa santa actividade espiritual — de oração e acção — de acordo com as nossas possibilidades, de harmonia com os talentos que o Senhor nos concedeu.

Bem sabemos que não podemos nem devemos enterrar os nossos talentos; deles daremos rigorosas contas ao Senhor nosso Deus. Reunidos em torno dos dirigentes das nossas igrejas, trabalharemos, alegre e entusiasticamente na Obra de Deus, cooperando com todas as nossas forças para a difusão da Mensagem.

Que o Senhor nos abençoe e ao nosso trabalho, na sua Causa.

A. CASACA

Disse assim o Salvador acerca dos seus filhos: «Não são do mundo, como Eu do mundo não sou.» (S. João 17:16).

Dis-se na América que as pedras angulares da democracia são: a comunidade, a escola e a Igreja. Mas há uma outra não menos importante, que é, de certo, a base destas três: é a família. Se a Igreja exerce a influência que deve ter, é graças às famílias que a compõem.

«A prova mais convincente do poder do Cristianismo que podemos apresentar ao mundo, é a de uma família bem ordenada e bem disciplinada. Não há nada que lhe possa substituir o testemunho a favor da verdade, porque a família tem um alcance prático sobre o coração.» (The Faith I Live By, p. 254).

Ora, um dos grandes factores que na família cristã, na família de um lar adventista contribui para a manter no seu mais elevado nível de fundamento da Igreja e da sociedade, é, inegavelmente, o Altar de Família.

Que é o Altar de Família?

Evidentemente que não se trata de nenhum altar material, perante o qual a família se prostre para orar. O Altar de Família designa, prezados Irmãos, todo o conjunto de reuniões devocionais da família, desde o amanhecer, através das orações do dia, até à reunião para o estudo da Lição da Escola Sabatina, da Leitura do Ano Bíblico e das orações da despedida para o dia seguinte.

«Que o culto familiar seja aprazível e interessante.» (Testemunhos, vol. 5 p. 335).

E neste culto em todas as manifestações do culto familiar, é necessário que as crianças estejam presentes.

«Devemos ensinar às crianças a respeitar a hora da oração; têm de se levantar, de manhã, a tempo de estarem presentes ao culto da família.» (Testemunhos, vol. 5, p. 424).

Vivendo, assim, numa atmosfera de oração recolhida e atenta, toda a família reforçará, cada vez mais, os seus laços de amor, de benevolência e de paciência, de modo que essa mesma vida familiar seja uma preparação, um treino para a vida eterna.

Façamos o propósito de vivermos uma verdadeira vida cristã, em torno do Altar da Família, onde descerão as bênçãos de Deus, Senhor das bênçãos eternas de que desfrutaremos, no Lar Celestial.

A. Casaca

Três etapas difíceis

C. Delargilliere

«Os filhos de Issacar destros na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer...» (1 Crón. 12:32).

Os homens fazem planos. Planos de paz; planos de guerra. Satanás também os seus, mas Deus revela-nos tais planos.

Sucedem-se os mais horrorosos desastres: tornados, incêndios, inundações. Estas calamidades são meios empregados por Deus para despertar nos homens e nas mulheres o sentimento do perigo que correm.» (Testemunhos, Vol. III, pág. 305).

«Por cada engenho posto em actividade na terra, nos ares e nas águas, Satanás confirma e faz prevalecer as suas pretensões. Os que se inclinam perante as suas ordens cada vez se tornam mais activos.» (Senhora White, Cooranbong, Austrália, 21 de Outubro de 1898, na *Review and Herald* de 21 de Dezembro de 1939).

«Deus revelou-nos o que vai acontecer nos últimos dias para que o seu povo tenha a possibilidade de se preparar para fazer frente à oposição e à cólera. Os que foram advertidos acerca dos acontecimentos que os esperam não devem ficar impassíveis, uma vez que sabem que a tempestade se aproxima. (Testemunhos, vol. 11, pág. 180).

«Os Adventistas do Sétimo Dia têm a chave do futuro religioso da humanidade» (Il Progresso d'Itália). Que eles possam servir-se dela.

«Haverá tempos difíceis...» que poderemos dividir em três partes. Representaremos cada uma delas por um homem bem conhecido.

DANIEL:

O tempo de perturbação

No capítulo seis do livro de Daniel trata-se da conspiração religiosa contra o profeta. Não queriam deixar-lhe a liberdade de orar ao seu Deus. Queriam obrigá-lo a adorar um trono, uma instituição

humana. Mas, durante toda a sua vida, Daniel foi um homem DECIDIDO; e assim permaneceu naquela circunstância. Hoje, «o dragão está em guerra contra o remanescente dos que guardam os Mandamentos de Deus» (Apoc. 12:17). Procura, como fez contra Daniel, impedi-los de prestar a Deus o culto que Lhe é devido.

ELIAS:

O tempo da angústia

«És tu que lanças a perturbação em Israel?» — perguntou Acab ao profeta.

«Não! respondeu este, és tu e a casa de teu pai, porque abandonastes os Mandamentos de Deus.» Este episódio da história sagrada é a imagem da segunda etapa do fim: «o tempo de angústia, qual nunca houve». (Daniel 12:1).

«O começo do tempo de angústia não é o momento em que as pragas serão derramadas sobre a terra, mas um curto período que as precede, durante o qual Jesus está no Santuário. Naquele momento, quando a obra então estiver acabada, a angústia cairá sobre a terra e «as nações serão irritadas», mas postas em cheque de maneira a não entravarem a obra do terceiro anjo. É então que «a chuva serôdia», «tempo de refrigério, virá da parte do Senhor» para dar uma força nova à «voz forte» do terceiro anjo e preparar os santos a manterem-se firmes quando as sete pragas forem derramadas.» (E. W. p. 85).

Naquele tempo, lembremo-nos de que Elias sabia orar «com insistência» (Tiago 5:16).

«O tempo de angústia que está diante de nós exige uma fé que possa suportar a fadiga, os desânimos e a fome; uma fé que não enfraqueça debaixo das provações. Um período de graças é-nos concedido para nos prepararmos.» (O Conflito dos Séculos, p. 664).

«Não há uma pessoa, entre vinte, naqueles cujos nomes figuram nos registos da Igreja, que esteja preparado para as últimas cenas da história terrestre. A maior parte vive sem Deus e sem esperança, no mundo, como um comum dos pecadores. (Ellen G. White. *Serviço Cristão*, pág. 41).

«O tempo de angústia será uma terrível prova para o povo de Deus.» (Conflito dos Séculos, pág. 675). «Será posto à prova, passando pelo fogo, e a maior parte dos que hoje parecem fiéis e sinceros, revelar-se-ão como um metal vulgar... Alinharão, cobardemente, ao lado do adversário. A nossa angústia surgirá quando a maior parte nos abandonar, na batalha do Senhor, ficando, apenas, alguns combatentes.» (Testemunhos, vol. III, pág. 136).

Também somos avisados de que «o tempo da angústia aumentará de intensidade até ao fim.» (Testemunhos, vol. III, pág. 342).

JACOB:

O tempo da aflição

«Jacob lutou com o anjo e prevaleceu; chorou, e lhe suplicou.» (Oseias 12:4).

«A! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante. É tempo de angústia para Jacob.» (Jeremias 30:7).

Estes textos referem-se ao momento em que o ministério de Jesus terminou. Terá, então, passado o tempo da graça, e as pragas são derramadas na terra. Os maus pretendem fazer desaparecer o povo de Deus. «É permitido a Satanás assaltar os filhos de Deus com as suas mais fortes tentações.» (Conflito, pág. 662).

Mas a Sagrada Escritura declara que Jacob saíu vencedor. «A sua vitória é uma demonstração do poder da oração perseverante.» (Conflito, p. 664).

É que Jacob era determinado e perseverante. (Veja-se Patriarcas

(Continua na pág. 24)

O Baptismo do Espírito Santo

H. M. Blunden

Pelo que me lembro, tem havido sempre a expectativa de que se repetirá o dia de Pentecostes. Referimo-nos à chuva serôdia; falamos acerca do alto clamor da Terceira Mensagem angélica. Está para vir. Que visita é essa que estamos esperando? Qual é a sua natureza? Por que temos esperado tanto pela sua chegada, e continuamos, ainda, a esperar? Tem Deus um tempo determinado para o conceder, ou temos nós, por meio de longas e insistentes orações, de Lhe forçar a mão a dar aquilo que prometeu? Quando virá ela e como virá? Qual será a sua manifestação? Haverá, porventura, qualquer coisa que possamos fazer para Lhe apressar a vinda? Se é assim, que será? E quando Ele vier, que fará por nós?

Nos dois assombrosos dons, de seu Filho e do Espírito Santo, Deus deu-nos tudo de que necessitamos para viver no mais elevado plano de vitória e de poder. Efectivamente, é-nos dito que nessas duas dádivas «o Céu se esvaziou». Nada mais havia que dar.

«Na grande e incomensurável dádiva do Espírito Santo, acham-se contidos todos os recursos celestes. Não é por causa de nenhuma restrição da parte de Deus que as riquezas da sua graça não fluem em direcção à terra, para os homens. Se todos estivessem dispostos a receber, todos seriam cheios do seu Espírito.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 419.

Transportando-nos aos tempos dos Apóstolos, observamos que eles passaram cinquenta dias preparando-se para esse dom. Dizeis dez... sim, dez afinal... mas houve dois períodos na sua preparação. Um deles foi passado em companhia do Mestre em adquirir a verdadeira visão da sua obra e do reino de Deus. Tinham eles muitas concepções errôneas. O segundo período foi passado na purificação do coração, mediante uma consagração

profunda, e reclamando aquilo que Deus prometera quando estivessem preparados para isso.

É indicado um perigo

Um grave perigo no nosso tracto dessa grande questão é indicado pela Mensageira do Senhor:

«Exactamente antes de deixar os discípulos pelas cortes celestiais, Jesus animou-os com a promessa do Espírito Santo. Esta promessa pertence-nos tanto a nós, como a eles, e todavia, quão raramente é ela apresentada diante do povo, e a sua recepção pregada na igreja. Em consequência desse silêncio sobre tão importante assunto, acerca de que promessa menos conhecemos nós, do que dessa preciosa promessa do dom do Espírito Santo, mediante o qual há-de ser comunicada a eficiência a todo o nosso labor espiritual? A promessa do Espírito Santo é casualmente introduzida nos nossos discursos, tocada incidentalmente, e é tudo. Tem-nos demorado, e justamente, nas profecias, e exposto as doutrinas aquilo, porém, que é essencial à igreja para o seu desenvolvimento nas forças e nas eficiências espirituais, para que a sua pregação leve convicção, e as almas se convertam a Deus, tem sido deixado fora do esforço ministerial. Este assunto tem sido posto à margem, como se lhe fosse dada consideração em qualquer tempo no futuro.» — *Testimonies to Ministers*, p. 174.

Se começarmos a guardar esta promessa *agora*, e a fazer a obra necessária preparatória para a Sua vinda, algo nos acontecerá. Alguma coisa realmente de estupendo ocorrerá, então, neste grande movimento. Lemos ainda:

«Outras bênçãos e privilégios têm sido apresentados ao povo até que se desperte na Igreja o desejo de obter a bênção prometida por

Deus; acerca do Espírito Santo, todavia, a impressão tem sido de que esse dom não é para a Igreja, agora, mas que, num futuro será necessário que a Igreja o receba.» — *Ibidem*.

Creio que isto constitui um perigo para nós, hoje em dia. Por que não falamos sobre ela? Por que não oramos e rogamos a Deus por isto? É-nos dito que se o fizermos, o resultado será o baptismo do Espírito Santo.

«Todo o céu aguarda»

Ainda relacionado com isto podemos ler o seguinte:

«Todo o céu aguarda.» Aguarda o quê? Parece-me que esta é uma pergunta bastante séria. Levou-me a uma profunda meditação, a um íntimo exame do coração e do espírito, durante muito tempo. Todo o céu está aguardando, e nós também aguardamos. Como é que se há-de fazer, de modo que o Céu não tenha mais de esperar, e que, pela graça de Deus, também nós não esperemos mais, mas sejamos cheios com o prometido Espírito?

Leiamos, ainda, a indicação da Mensagem do Senhor:

«Há, positivamente, demasiado pouco do Espírito e do poder de Deus no labor do atalaia. O Espírito que caracterizou aquela maravilhosa reunião no dia de Pentecostes, está esperando para manifestar o Seu poder sobre os homens, que se encontram, agora, entre os vivos e os mortos como embaixadores de Deus.» — *Testimonies*, Vol. V, pág. 252.

Consideremos, agora, os requisitos da vinda do Espírito Santo. A Mensageira do Senhor disse que o Espírito que caiu sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes, e que caiu sobre o povo de Deus em 1844, revelar-se-á, outra vez, em todo o seu poder, neste movimento. (*Ibidem*). e falando dos dias anteriores a 1844, diz:

«Com diligente exame de coração e humildes confissões, chegámos com muita oração, ao tempo esperado. Sentíamos todas as manhãs que era nosso dever certificarmos-nos de que a nossa vida estava recta, diante de Deus. Compreendíamos que, se não estivéssemos na santidade, certamente recuaríamos. Aumentava o interesse que tínhamos uns nos outros, orávamos muito com os outros e pelos outros. Reuníamos-nos nos pomares e nos bosques para comungar com Deus e dirigir-Lhe as nossas petições, sentindo-nos mais plenamente na sua presença, quando estávamos rodeados pelas suas obras naturais. As alegrias da salvação eram-nos mais preciosas que o alimento e a bebida. Se vinham nuvens obscurecer-nos o espírito, não ousávamos descansar nem dormir, enquanto não fossem dissipadas pela consciência da nossa aceitação por parte do Senhor.» *Life Sketches*, págs. 60 e 61.

Tal foi o espírito que se apoderou do coração daqueles queridos irmãos a quem chamamos pioneiros. Não pregavam senão um assunto. Tudo então se centralizava na pessoa de Jesus. A grande expectativa era que o povo ia vê-l'O; iam saudá-l'O e encontrar-se com Ele, face a face. E é-nos dito: «E qual quer que n'Ele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como Ele também É puro.» (I S. João 3:3).

A necessidade de uma obra preparatória

«A oração não se destina a efectuar qualquer mudança em Deus; deve levar-nos à harmonia com Ele. Quando dirigimos a Deus as nossas petições talvez seja necessário que esquadrinhemos o coração e nos arrependamos do pecado. Deus conduz-nos, portanto, através de provas, faz-nos passar por humilhações, a fim de vermos o que está impedindo a operação do seu Espírito Santo, em nós.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 143.

Por isso, se fordes humilhados, não vos aflijais. Deus tem em tudo um desígnio. Está-nos conduzindo,

através da humilhação, de modo a podermos ver o que impede a operação do seu Espírito em nós. Por isso é necessário, primeiramente, fazer-se uma obra preparatória, para recebermos essa plenitude do Espírito. Lemos ainda:

«O Senhor manda-nos esvaziar o coração do egoísmo, que é a raiz da separação. Ele anseia por derramar sobre nós o seu Espírito Santo, em abundante medida, e manda-nos limpar o caminho mediante a renúncia.» — *Testimonies*, Vol VI, pág. 43.

Não há lugar para a plenitude do Espírito, em qualquer coração, em que haja alienação, ressentimento ou amargura para com alguém. Estas coisas fazem parte daquele esvaziamento que devemos efectuar.

O precioso dom está à espera de que o recebamos. Deus põe diante de nós uma mesa, mas não nos força a comer. Está batendo à porta dos corações, mas não obriga a abrir tal porta. Colocou nos bancos celestes um depósito de riquezas em que se acham incluídos «todos os recursos do Céu», mas é necessário que preenchamos o cheque. Ele ocupará, apenas, o espaço que Lhe dermos: — nada mais. Anela por derramar sobre nós, em grande medida, o seu Espírito Santo, e manda-nos limpar o caminho. Como? Por meio da renúncia do próprio eu. Não há outro meio.

A confissão do Pecado

«Todos os dias — assim lemos — necessitamos da disciplina da humilhação própria, afim de nos prepararmos para receber o dom celeste.» — *Idem*, Vol. VII, pág. 273.

«Pela oração e confissão do pecado, devemos limpar o caminho do Rei. Procedendo assim, ser-nos-á enviado o poder do Espírito do Pentecostes. Necessitamos da energia pentecostal. Esta virá, pois o Senhor prometeu enviar o seu Espírito, como o poder que tudo vence.» — *Obreiros Evangélicos*.

Que Deus nos conceda essa maravilhosa graça, para que nos seja possível fazer a preparação necessária.

Lembremo-nos do caso de Agar. Mandada, embora, para o deserto, tinha apenas uma botija de água, mas a provisão era insuficiente para as suas necessidades, e em breve essa água foi consumida. Clamando a Deus, o Senhor abriu-lhe os olhos, e viu então um poço, mesmo ao seu lado! No deserto, com uma criança, e uma botija de água vazia! E havia um poço, exactamente, ao seu lado! Oxalá que Deus nos abra os olhos! O abastecimento ali está, também. Por que esperamos nós?

É-nos dito que «se Satanás conseguisse os seus intentos, nunca mais haveria outro reavivamento, nem grande nem pequeno, até ao fim do tempo.» — *Christ, Our Righteousness*, pág. 149.

Devemos confessar que há que recer que o inimigo consiga os seus intentos. Um reavivamento! Eis do que necessitamos, agora, mais do que nunca. Nos dias pentecostais, houve três mil conversões, num só dia; cinco mil, noutra ocasião. «Multidões» creram e «grande parte dos sacerdotes obedecia à fé», e «também se alvoçoou toda a cidade.»

«Assim a Palavra do Senhor crescia poderosamente», e a Igreja prosperava.

O Pentecostes suprir-nos-á as necessidades

O Pentecostes supriria todas as necessidades da Igreja. E Deus espera que façamos aquilo que é essencial: receber o dom que Ele mesmo oferece, em infinita plenitude, para que possa terminar a sua Obra, em poder. O Espírito Santo aguarda a nossa «procura e recepção.»

Que o Senhor nos conceda a graça para realizar o que é necessário a fim de recebermos este benedito dom! Como a mulher de Samaria junto ao poço, a qual encontrou o Salvador e se retirou, levando consigo um poço de água que salta na alma para a vida eterna, assim também possamos nós sair a chamar muitas almas para o Salvador.

Que dia observaram Jesus e os Apóstolos?

Sergio Sirri

Deus quis ser honrado, de um modo particular, todos os Sábados do ano e em certas festas. A celebração do Sábado consistia, principalmente, no repouso, ou cessação de toda a obra servil, que era prescrita de modo rigoroso. Não estava estabelecida para aquele dia nenhuma prática especial de culto; mas, alguns comentadores, baseando-se no texto hebraico do Levítico, que fala de uma *micra codes* ou «santa convocação», julgam que naqueles dias se reuniam para discutir sobre coisas sacras, piedosas, o que se fez, sem dúvida, mais tarde, nas sinagogas, onde no dia de Sábado, se reuniam para orar, ler e explicar os Livros Sagrados.

O Sábado, como todos os outros dias de festa, começavam na tarde da vigília, e terminava, quando se punha o Sol. Recorde-se que os Hebreus contavam o dia, do pôr do Sol ao pôr do Sol. Os alimentos e os outros objectos necessários eram preparados na sexta-feira; foi isto que no Novo Testamento fez dar ao sexto dia da semana o nome de *Parasceve* ou «preparação» (1).

Como sabemos, a instituição divina do Sábado teve origem desde a Criação, porque Deus repousou no Sétimo Dia, abençoando-o e santificando-o. Mais tarde constituiu o quarto mandamento do Decálogo que começa com estas palavras: «Lembra-te do dia de Sábado para o santificares.» (2) O povo hebreu manteve esta festa até à Vinda do Messias. Ocorre, agora, perguntar, qual foi a atitude de Jesus para com o Sábado.

Falando do seu regresso à Galileia, o evangelho de S. Lucas diz: «E chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de Sábado, segundo o seu costume na sinagoga, e levantou-se para ler.» (S. Lucas 4:16). (3)

Portanto, Jesus tinha o costume de ir, todos os Sábados, à casa de Deus para Lhe orar e adorá-l'O, juntamente com os outros fiéis.

Note-se que o texto grego original sublinha este facto dizendo que Deus instituiu, como lembrança da Criação e oportunidade particular para o crente se aproximar d'Ele para receber as bênçãos prometidas aos que fossem fiéis a tal respeito.

Noutra ocasião, Jesus não hesitou em se chamar «Senhor até do Sábado» (4); foi Ele quem instituiu o Sábado, juntamente com o Pai no momento da Criação, pelo que é, verdadeiramente, seu dono e Senhor absoluto.

Além disso, teve de lutar bastante contra um falso modo de compreender e de praticar a vontade divina, desenvolvido pelos rabinos e pelos sacerdotes daquele tempo, em prejuízo, tanto deles como do povo. Tinham formulado toda uma legislação uma casuística, que compendia as acções lícitas e ilícitas, em dia de Sábado. Por exemplo, colher espigas para lhes comer os grãos, era pecado, se fosse num Sábado, assim como também não era permitido cuidar de um doente. Consideravam tais actos como um trabalho. Com uma tal mentalidade naturalmente, a religião tornava-se pesada e a vontade divina era um fardo insuportável.

«Nosso Senhor, durante a sua vida pública, insurgiu-se, frequentemente, contra interpretações estreitas e ridículas da lei do Sábado. Esforçou-se por corrigi-las, de acordo com o bom senso contra o formalismo dos doutores.» (5) Num dia de Sábado, os discípulos impedidos pela fome, colheram algumas espigas, retiraram-lhes os grãos e comeram-nos. Alguns farizeus escandalizados chamaram a atenção de Jesus para uma tal violação do Sábado, Jesus, porém, desprezando aquela miserável casuística, defendeu os discípulos.» (6)

Precisamente o comentador católico Vigouroux fala de «violação daquela miserável casuística», porque o mandamento não foi trans-

gredido, antes, pelo contrário, naquela mesma ocasião disse: «O Sábado foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado». Portanto, Jesus nunca teve a ideia de o substituir ou de o mudar. Não há, portanto, nenhum sinal do domingo, como de resto o diz uma outra obra católica: «Como é impossível provar que o Senhor ressuscitado tenha formalmente recomendado tal uso aos apóstolos, antes da Ascensão, é lícito procurar sob a influência de que os apóstolos tenham podido ser os instigadores e os propagandistas da guarda do Domingo.» (7)

Estamos de acordo com esta investigação e façamos, então, um exame quanto à atitude e ao ensino apostólico a respeito de tal mandamento.

Os primeiros discípulos foram, evidentemente, os que seguiram a Jesus durante as suas pregações nas cidades e aldeias da Palestina. Vejamos, portanto, qual foi a sua atitude, desde o momento do Calvário, isto é, quando se separaram do Mestre. O Evangelho diz o seguinte: «E era o dia da preparação, e amanhecia o Sábado. E as mulheres que tinham vindo com Ele da Galileia, seguiram também e viram o sepúlcro, e como foi posto o seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos; e no Sábado repousaram, conforme o mandamento. E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepúlcro, levando as especiarias que tinham preparado. E

(1) Vigouroux e Bacuez, *Manuale Biblico*, T. 1, p. 395.

(2) Êxodo 20:8.

(3) Lucas 4:16.

(4) Marcos 2:28.

(5) Vigouroux, *Dictionnaire de la Bible* — artigo «Sabbat».

(6) Vigouroux, *Manuale Biblico*, t. III, p. 212.

(7) Cabrol et Leclercq, *Dict d'Archéol. Chrét.* — Artigo «Dimanche».

acharam a pedra revolvida do sepulcro (1). As piedosas mulheres permaneceram fiéis ao mandamento e preferiram, em vez de o transgredir, adiar para o dia seguinte, a unção do corpo do seu caro Mestre.

Também os Apóstolos se comportaram, segundo os mesmos princípios. S. Paulo dirige-se, todos os Sábados à sinagoga, só para pregar aos Judeus, conforme se diz da sua acção em Tessalónica: «E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles; e por três Sábados disputou com eles sobre as Escrituras...» (2). Também ele, assim como Jesus observava o Sábado, tanto que o grego emprega a mesma expressão para ambos: «como era seu costume»:

Apenas três vezes se fala do domingo em relação à vida da igreja primitiva. Eis a primeira: «E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e alargou a prática até à meia noite» (3). Podemos deduzir desta declaração que os primeiros crentes de Troas observassem o domingo como dia de reunião semanal ou de repouso sagrado? Antes de mais, ocorre perguntar: Aquela reunião quando é que se realizou? No Sábado à noite ou no domingo à noite? Eis a opinião de um católico que lança alguma luz: ... a opinião que põe a cena de Troas no domingo à noite e não no Sábado à noite, parece-nos não só mais provável, mas também mais segura e mais natural. Os argumentos que apoiam a outra opinião mantêm, contudo, também, um valor incontestável (4). Se há dúvidas acerca do tempo, permanece, contudo certa a reunião no primeiro dia da semana; mas trata-se, aqui, de uma reunião habitual ou extraordinária, uma vez que Paulo devia partir no dia seguinte?

O Dicionário de Cabrol admite a impossibilidade de deduzir deste versículo a existência de qualquer costume novo. «Contudo resta saber se os cristãos de Troas não se reuniam noutros dias da semana, ou todos os dias, para comemorar a última ceia do Senhor, porque se fosse este o caso, o testemunho do

companheiro de S. Paulo perderia grande parte do seu valor. Mas a narração da cena de Troas nada nos diz a este respeito (5).

A segunda vez é a propósito de uma sugestão que S. Paulo faz aos crentes de Corinto na carta que lhes dirige. «Ora, quanto à colecta, que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as colectas, quando eu chegar» (6). Estes crentes tinham o hábito de se reunir todos os domingos para festejar aquele dia? O dicionário católico de arqueologia cristã responde que: «O texto não faz nenhuma alusão às reuniões cristãs do domingo» (7). Isto é evidente, pois o Apóstolo aconselha a pôr de parte o dinheiro que puder juntar isto é, «junto de si», no texto original, quer dizer, «em sua casa». Se houvesse uma reunião usual, o dinheiro teria sido recolhido, de semana a semana, naquelas ocasiões, como de resto, se faz, quando assim sucede.

A terceira indicação encontra-se no Apocalipse: «Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo. Fui arrebatado, em espírito no dia do Senhor...» (8)

Aqui não se fala nem do primeiro dia da semana, nem do domingo, mas do «dia do Senhor», tradução da expressão grega «*kuriaké emèra*». No período sucessivo este termo grego será empregado pelos autores eclesiásticos para indicar o domingo. Mas tê-lo-á empregado o apóstolo S. João com o mesmo significado? Eis o que não pensam alguns estudiosos católicos de autoridade como Carol e Lecerq: «Admitamos, todavia, que sem o sentido preciso dado a «*kuriaké emèra*» pelas nossas traduções, seria difícil provar que esta expressão, em Apocalipse 1:10 indica precisamente o primeiro dia da semana» (9). «O adjectivo *kuriakos*, desconhecido dos Setenta

pertence, como o demonstrou Deismann, à língua grega popular. Era de uso corrente no I e no II século da era cristã, no Egipto e na Ásia Menor como sinónimo de «imperial» nos documentos oficiais...» (10). «Para concluir estas notas sobre o segundo vocábulo do primeiro dia da semana, notemos que a aplicação do adjectivo «senhorial ou «dominical» (*kuriakos, dominicus*) aposto à palavra «dia» revela-nos muito pouco acerca do significado intrínseco da expressão completa. Efectivamente, «o dia senhorial» não significa mais do que «o dia que pertence ao Senhor, de um modo especial» (11). Ora, o dia que pertence ao Senhor, de um modo especial, desde a Criação, é único, conforme no-lo indica a Bíblia e que o próprio Filho de Deus indicou: «O Filho do Homem é Senhor do Sábado.»

Que pensar, portanto, da atitude e do ensino da primitiva Igreja cristã acerca do dia de repouso?

Parece-me que não podemos encontrar melhor nem mais autorizável conclusão do que a que se contém na Enciclopédia Católica, última e moderna expressão do que pensam os órgãos oficiais da Igreja Católica: «Os primeiros cristãos praticavam o repouso do Sábado» (12).

Mas então, como e quando é que se deu a mudança do Sábado para o domingo?

Como se passou da santificação do Sábado para o domingo?

Vê-lo-emos no próximo mês.

(1) Lucas 23:54-56; 24:1-2.

(2) Actos 17:2.

(3) Actos 20:7.

(4) Cabrol, obra citada artigo «Dimanche».

(5) Cabrol — «dimanche» — coluna 887.

(6) I Cor. 16:1, 2.

(7) Cabrol — «dimanche» — coluna 886.

(8) Apocalipse 1:9, 10.

(9) Cabrol — «dimanche» — coluna 862.

(10) Cabrol — «dimanche» — coluna 859-860.

(11) Cabrol — «dimanche» — coluna 869.

(12) *Enciclopedia Cattolica*, Città del Vaticano, artigo «Domenica».

A minha viagem de avião à Guiné

Embora não tenhamos igreja organizada em Bissau, capital da Província, nem uma sala de cultos para pregar o Evangelho, temos no entanto aqui algumas preciosas almas dispostas a se entregarem de alma e coração a Deus e à Sua santa causa.

Estão constantemente na nossa mente, os pensamentos que se ligam com estas pessoas e temos orado muito a Deus para que num futuro mais ou menos próximo, tenhamos também aqui a oportunidade de iniciarmos o trabalho enviando um missionário onde creio que realizará um bom trabalho para o Senhor.

Como sei que as nossas visitas ou a de qualquer outro irmão são muito benéficas aos crentes dali, propus-me e, isto pela segunda vez, dar uma saltada até lá.

Aproveitei o avião das Forças Aéreas Militares em serviço Cabo Verde - Guiné, que transporta gratuitamente qualquer passageiro civil, deste que essa viagem se justifique. Conseguida a autorização preparei-me para o dia da partida.

Saí de S. Vicente no dia 4 de Dezembro, a meio da tarde e uma hora depois cheguei à cidade da Praia, capital de Gabo Verde. Saíram alguns passageiros, entraram outros e passados uns escassos trinta minutos, de novo o avião deslocou a caminho da ilha do Sal onde chegamos sem novidade, a não ser algumas senhoras que apesar da viagem ser curta sempre encontram tempo para enjoar e vomitar.

Ficamos aqui uma noite, dormindo num hotel e comendo numa pensão -restaurante, a bem do orçamento, visto que no primeiro só uma refeição custa 72\$00, o que não é muito para quem é rico. E às 7 e 30 do dia seguinte embarcámos de novo rumo a Bissau, viagem que nos levou 4 horas, sobre este grande Oceano chamado Atlântico, acima das nuvens, pois a nossa altura de voo era de 7.500 pés.

Creio que muitos dos assinantes da «Revista Adventista» nunca andaram de avião e talvez perguntem a si mesmos quais os sentimentos ou pensamentos que temos quando vamos a bordo. Pois bem, são mui-

tos, os mais complexos e díspares. Assim que os motores começam a roncar e se faz o teste para a descolagem, finalmente partimos; creio que todos nós passageiros sentimos temor e mesmo medo. Estamos seguros pelo cinto de segurança, o avião eleva-se e sentimos que o chão nós fugiu debaixo dos pés; sobrevoamos as casas e os montes. Com a continuação o medo vai desaparecendo e pensamos noutras coisas: na família que ficou à nossa espera e deseja que façamos uma boa viagem; pensamos no nosso trabalho com todos os seus problemas, uns tristes e outros alegres; pensamos, como filhos de Deus que somos, que o nosso Pai, nos protegerá e cuidará de nós; e enquanto há alguns que não pensam em nada porque dormem ou fingem que dormem, as horas se nos afiguram maiores, parecendo os segundos minutos e os minutos horas.

Não há no entanto algo que seja mais deslumbrante em viagens, do que aquela que é feita de avião. Mas sobre o mar temos a impressão de que o avião não corre ou voa pouco, porque a paisagem é monótona, as ondas têm os mesmos movimentos, as mesmas ondulações e formas. Mas ao sobrevoarmos as ilhas o panorama é diferente, é de uma beleza majestosa devido à irregularidade do solo e à policromia da vegetação, aliado ao recortado dos seus limites, onde o mar irada com fragor vem embater, desfazendo-se em alvinitente espuma, zangado contra a terra porque o limitaram.

As montanhas afiguram-se-nos pequenas elevações, como que feitas por crianças para os seus devaneios. É tudo pequeno, limitado, e nós gigantes, porque tudo vemos e dominamos da altura. Sobre o vasto continente africano a paisagem é ainda mais arrebatadora e aliciante. Descortinamos densas matas, grandes florestas, rios cortando o território como veias em corpo



Os dois principais crentes da Guiné, com o Pastor M. Laranjeira

humano. Estamos sobre a Guiné Portuguesa, esta terra que os nossos antepassados descobriram para grandeza do mundo lusíada.

As horas a que chegámos ao aeroporto de Bissau já o calor era grande e creio que o termómetro não estaria longe dos 35 graus centígrados. Calor e humidade características dos territórios próximos do Equador. Em Bissau, como de resto em toda a Guiné, há mil motivos de interesse desde os usos e costumes das diferentes raças, Fulas, Mandigas, Balantas e Papéis), até aos seus vestuários, as suas crenças e superstições, o seu folclore e tantas outras coisas que só a vista pode descrever. Tudo é atractivo, pitoresco e belo.

— Ao visitar as almas interessadas, que vivem em Bandim a dois quilómetros da capital, sentimos uma grande alegria, por vê-los a eles tão alegres. Recebem-nos com tal entusiasmo que a melhor prenda que lhes podemos dar é a da nossa presença. As principais interessadas são uma jovem e uma senhora adulta, a primeira, Leopoldina Anjos Gomes, e a outra Fanta Mané. São da raça dos Papéis mas são devotas crentes. Sendo pobres não se esquecem no entanto do Dízimo do Senhor, e assim vão juntando dentro de uma lata-mealheiro, as suas moedas que me foram dadas para eu levar. Todos os Sábados fazem a sua escola sabatina e com alguns adultos e ainda mais de 20 crianças fazem a sua reunião. A estas mesmas crianças a jovem Leopoldina (Dina) como é conhecida, durante a semana ensina-as a ler e a escrever, no que é auxiliada por uma sua sobrinhita, de 7 anos que já ensina os mais velhos e que diz «eu quero servir a Deus desde agora até quando for grande».

Irmãos, a Guiné Portuguesa precisa da nossa mensagem, é ainda a única porta fechada para nós, nas nossas Províncias. Foi, de resto, isto que eu acentuei, quando falei com o Ex.^{mo} Sr. Governador da Província, Capitão de Fragata, Peixoto Correia, que me prometeu para a próxima oportunidade possível, autorização para iniciarmos o trabalho.



Crianças da Escola Sabatina em S. Vicente, Cabo Verde

Não se esqueçam irmãos de orar pelo trabalho da Guiné. E tenhamos sempre presente este versículo «...toda a nação, tribu, língua e povo».

Vosso irmão em Cristo,

Manuel Laranjeira

IGREJA DE CASCAIS

Após um interregno de alguns meses, a igreja de Cascais voltou a ter um obreiro responsável, embora não lhe podendo este dedicar senão uma pequena parte do seu tempo. Os vários departamentos reorganizados, a pouco e pouco o pequeno grupo de irmãos e jovens desta igreja vai voltando à actividade.



O coro da Igreja de Lisboa colaborando gentilmente em Cascais

O departamento mais activo durante os últimos meses do ano que passou foi o das «Dorcas», que se esforçou por recolher donativos e preparar uma boa distribuição para a festa do fim do ano. Esta pôde ser uma realidade, graças a uma quase espontânea decisão dos jovens de Lisboa, que resolveram trazer a Cascais o seu próprio programa, à semelhança do que já em tempos haviam feito uma ou duas vezes.

As fotografias que acompanham estas linhas mostram alguns aspectos do programa dos jovens de Lisboa, assim como uma parte da assistência e a acolhedora árvore de Natal — símbolo de fraternidade e compreensão entre os homens —, que não deixou de estar presente, vendo-se junto dela alguns dos pacotes com roupas e géneros, que as irmãs das «Dorcas» distribuíram a membros e visitas pobres, no decorrer do programa. Todas as crianças presentes foram contempladas com uma pequena lembrança e, em sinal de apreço e confraternização, uma jovem de Cascais entregou à Direcção dos jovens de Lisboa um lindo galhardete em que se viam bordadas as inscrições «M.V. — Lisboa-Cascais — 30-12-61».

O novo ano traz novas esperanças e novas possibilidades a cada membro e a cada departamento desta igreja. Os M. V. já iniciaram as suas actividades deste ano com a primeira reunião, realizada a 13 de Janeiro; a Escola Sabatina re-



A árvore de Natal na Igreja de Cascais

fundiu o seu programa e está procurando interessar cada vez mais a todos no estudo da Palavra de Deus, assim como na obra missionária mundial que ela ajuda a manter; o departamento missionário, por sua vez, faz planos para muito em breve se lançar em nova campanha de evangelização, por todos os meios ao seu alcance.

Estamos certos de que o Senhor tem uma obra a fazer também em Cascais. Oraí para que todos aqui possamos compreendê-lo e ser instrumentos na Sua mão para a salvação de muitas almas!

David Vasco

ESPINHO

Houve festa na Igreja de Espinho no Sábado, dia 6, à tarde. A Igreja recebeu a visita do Pastor A. Casaca, Presidente da nossa União, que se fazia acompanhar do Irmão A. Baião, Pastor da Igreja do Porto. Foi com prazer que ouvimos o belo estudo feito pelo Pastor A. Casaca e assistimos à impressionante e solene cerimónia da consagração a ancião dos Irmãos Pedro Fernandes e Arnaldo Borges, bem como a diáconos de mais dois irmãos. Oxalá a influência sentida possa perdurar e a Igreja de Espinho se desenvolva para honra e glória de Deus.

A. B.

CANELAS

Tivemos o prazer de registar a visita do Pastor A. Casaca, Presidente da nossa União, que nos deu

a sua preciosa colaboração em duas interessantes reuniões, respectivamente Sábado 6 e Domingo, 7 de Janeiro. O culto de Sábado, subordinado ao tema «Que horas são?», foi muito apreciado por todos os irmãos, que tomaram a resolução de se consagrarem mais e mais ao Senhor e à Sua Causa. Desejamos ao nosso Irmão Presidente as ricas bênçãos do Senhor na sua vida e trabalho, ao mesmo tempo que lhe pedimos que venha sempre animar-nos com suas oportunas mensagens.

E. Miranda

MOVIMENTO DE OBREIROS

O Evangelista Samuel Ribeiro foi nomeado Secretário dos M. V. para a Conferência. Foi-lhe atri-

buída a missão de Evangelista *itinerante* para prestar a colaboração ministerial que lhe for solicitada em qualquer das nossas igrejas da conferência.

O Pastor Vítor Martinez tomou conta da igreja de Alvalade.

O Pastor Marcelino Viegas foi colocado na igreja de Setúbal.

O Evangelista António Baião foi pastorear a igreja do Porto.

O Pastor Francisco Cordas foi nomeado Director da Missão dos Açores.

Dr. Manuel Santiago Nogueira

Acompanhado de sua Esposa, veio passar alguns dias de férias à Metrópole o nosos prezado irmão, Dr. Santiago Nogueira. Os nossos cumprimentos com os votos das melhores bênçãos de Deus.

Vendas dos Colportores em 1961

<i>Nomes dos Colportores</i>	<i>Vendas</i>
Inácio Duarte da Conceição	77.473\$00
Arnaldo Borges Macedo	56.192\$50
✓ António Tomás Pinto de Aguiar	36.335\$00
✓ Arnaldo Martins	26.620\$00
✓ Afonso António	25.645\$00
Elias Mendes Rodrigues	22.501\$00
Vasco Madeira Bernardino	21.830\$00
Maria Luíza Saboga Serra	20.110\$00
✓ Cesaltina de Matos	21.736\$00
✓ Isabel Brito Ribeiro	17.700\$00
✓ António de Jesus	14.465\$00
Adelino Nunes Diogo	10.240\$00
António Loureiro Gomes	9.920\$00
Manuel Jorge de Mendonça	9.510\$00
Elmano Januário da Silva	7.990\$00
Joaquim Faria das Neves	7.190\$00
José Luis Ascensão Esteves	5.850\$00
Maria da Conceição Rezende	4.682\$00
António Martins	2.170\$00
Celeste Mendonça	1.680\$00
Joaquim da Luz Peres	1.144\$00
José Domingues Tavares	785\$00
Maria Fernanda Ferreira	130\$00
Missão da Guiné	39.880\$00
Diversos	22.339\$00
	<hr/>
	464.117\$50

Lisboa, 31 de Dezembro de 1961

O Secretário das Publicações
ORLANDO COSTA

O DIA DA EDUCAÇÃO

(Sábado, 17 de Fevereiro)

A Igreja considera de importância vital a Educação, dedicando-lhe, portanto, o melhor da sua atenção e do seu carinho.

Desde a primeira hora que a Igreja sempre pensou, reconhecendo e praticando a necessidade de fornecer aos jovens a verdadeira Educação Cristã.

O Plano Divino

«A todos os nossos jovens se deve permitir fruírem as bênçãos e privilégios da educação nas nossas escolas, para que possam ser inspirados e fazerem-se co-obreiros de Deus». — (*Conselhos aos Professores*, pág. 40).

A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa todo o ser, e todo o período da existência possível ao homem.» — (*Educação*, pág. 13).

A Importância da Educação Cristã

«Não há nada mais importante do que a educação das nossas crianças e dos nossos jovens. A Igreja deve despertar e manifestar um profundo interesse, nesta obra.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 47).

«Se há um tempo em que devemos trabalhar, com ardor, é o dia de hoje. O inimigo está atacando de todos os lados, tal como uma inundação... A responsabilidade que repousa sobre os pais, os professores e os membros da Igreja, de desempenharem a parte que lhes cabe... é tão grande que não pode ser expressa por palavras.» — (*Idem*, pág. 148).

A Responsabilidade dos Pais

«Sobre os pais e as mães recai a responsabilidade de dar uma educação cristã aos filhos que o Senhor lhes confiou. Em nenhum caso devem permitir que qualquer ramo de negócios lhes absorva o espírito, o tempo e os talentos, que

os seus filhos sejam deixados a fluir ao acaso, à deriva, até serem levados para longe de Deus.» — (*Fundamentals of Christian Education*, pág. 545).

«Toda a criança nascida no lar é um depósito sagrado. Deus diz aos pais: 'Toma esta criança e cria-a para Mim', para que venha a ser uma honra para o Meu nome e um canal, através do qual as minhas bênçãos possam fluir para o mundo.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 130).

A Responsabilidade da Igreja

«A Igreja está a dormir e não se compenetra da grandeza deste assunto, que é o da educação das crianças e dos jovens.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 39).

«Como igreja, como indivíduos, se queremos estar isentos de culpa no juízo, devemos fazer esforços mais liberais para a preparação dos nossos jovens, para que possam estar mais aptos para os vários ramos da grande obra que nos foi confiada.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 38).

«Deus indicou a Igreja como atalaia, para que tenha um cuidado cioso dos jovens e das crianças, e, como sentinela, ver que o inimigo se aproxima, e assim dar o sinal de perigo. A Igreja, porém, não se compenetra da situação.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 147).

A Base Financeira

«Quando forem estabelecidas as Escolas de Igreja, o povo de Deus verificará que se trata de uma valiosa educação o facto de aprender a dirigir uma escola de maneira que venha a ser um êxito no sentido financeiro.» — (*Testemunhos Selectos*, Vol. 2, pág. 475).

«Que todos partilhem das despesas. Cuide a Igreja de que todos quantos devem receber os benefícios da Escola, a frequentam realmente. As famílias pobres devem ser ajudadas.» — (*Testemunhos Selectos*, Vol. 2, pág. 476).

Os Resultados

«As Escolas de Igreja, quando são devidamente dirigidas, são o meio de erguer a norma da verdade, no lugar em que estão estabelecidas, porque as crianças que nelas estão a receber a educação cristã, serão testemunhas de Jesus.» — (*Conselhos aos Professores*, pág. 157).

Prezados Irmãos e Irmãs: Depois destas solenês e inspiradas declarações do Espírito de Profecia, parece que nada mais temos de acrescentar.

Convém, todavia, relembrar alguns destes maravilhosos ensinamentos.

Diz-nos a nossa Irmã White que todos os nossos jovens devem poder usufruir das bênçãos e dos privilégios das nossas escolas, porquanto a verdadeira educação dirige-se para o homem integral, de modo a prepará-lo, igualmente, para a vida eterna.

Vêde, por isso, que bendito privilégio o de possuímos uma Escola nossa, Adventista, onde se ministrem todos os princípios educacionais que hão-de preparar não só os nossos jovens para o ministério, assim como para as várias funções da vida, e tudo isto orientado para a salvação eterna.

Queridos Irmãos e Irmãs! É necessário que despertemos para a grande realidade de compreendermos o que significa possuímos uma Escola nossa.

Ali encontraremos o lugar indispensável para a preparação para esta vida e para a vida eterna dos nossos filhos, quando chegar a idade de saírem do lar, onde receberam os fundamentos da educação cristã.

Todos sabemos que nos esforçamos por abrir a nossa Escola de Pero Negro. Temos de envidar todos os nossos esforços para que em breve, muito em breve, ela seja uma realidade.

Vai, de certo, representar, para todos nós, para os nossos filhos, para a juventude um enorme benefício que redundará, também, a favor da Igreja e da Pátria.

Oremos e contribuamos, na medida das nossas posses para que a Escola Adventista de Pero Negro possa abrir, larga e proficientemente, as suas portas para receber a nossa esperançosa juventude.

A. CASACA

O episódio que vamos narrar refere-se a uns vinte anos atrás. Era o dia 26 de Novembro de 1941. Enquanto em Washington, o Secretário de Estado, Cordell Hull procurava um compromisso impossível com os embaixadores japoneses para evitar um conflito iminente, para o qual a América não estava preparada, das frias ilhas Kurilas partia, com o maior segredo, uma poderosa esquadra da Marinha Imperial Nipónica. Compreendia sete porta-aviões dois couraçados ligeiros, três cruzadores e vinte submarinos. Em dez dias de navegação em boa marcha, esta força naval aproximou-se do Porto das Pérolas, a base aeronaval americana mais fortificada do Pacífico.

No dia 5 de Dezembro, enquanto em Washington, prosseguiram as conversações diplomáticas, entre japoneses e americanos, o comando da esquadra naval nipónica recebeu de Tóquio o sinal convencional: «Subi ao monte Niitaka». O almirante Naguma tinha carta branca. Ao dealbar do dia 7 a esquadra encontrava-se a menos de 200 milhas da ilha de Oahu, onde surgia a base do Porto das Pérolas. Até ali, tudo tinha corrido bem; os Americanos não tinham dado pela presença da esquadra nipónica. Os navios abrandaram o andamento; nos porta-aviões começaram a roncar os motores dos *Nakajima* e dos *Mitsubishi*

No convés do *Akagi* um jovem oficial da aviação naval, o capitão Mitsuo Fuchida recebeu as últimas instruções sobre o ataque que deveria efectuar contra a base americana. Subiu, seguidamente, para o seu monomotor e descolou. Um a um esgueram-se, dos vários porta-aviões, 189 aparelhos entre os vários tipos de aeroplanos. Guiados pelo capitão Fuchida, os quatro grupos de ataque dirigiram-se, em formação cerrada contra os objectivos.

Aquela calma manhã de domingo não fazia prever aos marinheiros do Porto das Pérolas alinhados ao longo das pontes dos navios para o içar das bandeiras, nem ao pessoal de terra, ocupado nos seus trabalhos matinais, que dali a pouco se desencadearia contra eles um

verdadeiro inferno. Às 7 horas e 55 minutos o primeiro grupo atacante das forças do capitão Fuchida caiu a fundo nos navios ancorados no porto e sobre as instalações militares de terra; a seguir surgiram os outros grupos. Em poucos instantes a plácida baía transformou-se num cenário apocalíptico.

Foi um *carroussel* infernal de silvos, urros, detonações fragorosas, de relâmpagos fulgurantes. Dos navios, dos depósitos de carburantes, dos aeroportos massacrados pelo bombardeamento, ergueram-se chamas altíssimas e densas nuvens de fumo. O comandante da força atacante tripulando o seu *Nakajima* sobrevoou o couraçado *Arizona* e lançou-lhe a sua carga de morte. Atacado, em cheio, por duas bombas, o gigantesco couraçado dobrou-se, depois saltou ao ar em consequência da pavorosa explosão dos depósitos de munições, afundando-se em poucos minutos com toda a tripulação (mais de mil homens). Uma hora depois, a ilha sofreu um novo ataque por parte de outra onda de 171 aviões.

Foi um desastre que não tinha semelhante na história da marinha americana. Nenhum dos nove couraçados ancorados na baía, foi poupado. O *Arizona*, o *Califórnia*, o *West Virginia* afundaram-se; o *Oklahoma* e o *Utah* voltaram-se; o *Nevada* ficou menos danificado, e também sofreram danos menores o *Pennsylvania*, o *Tennessee* e o *Maryland*. Também sofreram prejuízos os cruzados *Helena*, *Honolulu* e *Raleigh*; outros navios mais pequenos ou foram ao fundo ou ficaram imobilizados.

Em terra, ficaram destruídos, além dos armazéns, os depósitos de carburantes e as instalações navais e aéreas, assim como 242 aviões da Marinha e da Aviação. Mas, mais dolorosas e irreparáveis foram as perdas humanas: 3.383 mortos e 1272 feridos. A marinha e a aviação dos Estados Unidos ficaram impedidas de deter as acções militares japonesas no Pacífico.

O capitão Fuchida que tinha dirigido o ataque contra o Porto das Pérolas com notável perícia e resolução foi venerado na pátria como

É agora arau o herói de P

António

um herói nacional, como um novo *samurai*.

Os Japoneses desfrutaram, plenamente o sucesso retumbante do Porto das Pérolas. Com acções fulminantes de grande raio, apoderaram-se em poucas semanas de todo o sueste asiático (Indochina, Tailândia, Birmânia, Malásia) estenderam as conquistas no território chinês, ocuparam as ilhas de Java, Samatra, Borneo, todo o arquipélago das Filipinas, a Nova Guiné, as Ilhas do Almirantado, as ilhas Bismarck e as ilhas de Salomão, expulsando as guarnições americanas.

Ao norte estenderam as suas conquistas até às ilhas Aleutianas, em frente do Alaska. A esquadra nipónica era senhora incontestado dos mares, assim como a aviação o era dos céus. Uma e outra infligiram duros golpes às bases americanas do Pacífico. O capitão Fuchida, que se tornara o herói lendário do Porto das Pérolas, participou, brilhantemente, em muitas destas acções com os aviões do seu comando.

Entretanto, os Estados Unidos preparavam-se para a resposta: mobilizavam todas as suas energias e punham em movimento a sua formidável máquina industrial. Encheram-se os vazios, e dotaram-se as forças de terra, ar e mar com os meios bélicos, cada vez mais potentes.

Depois de seis meses de conquistas, a extraordinária expansão japonesa no Pacífico registou o seu primeiro malogro. Nos princípios de Junho de 1943 uma importante força de desembarque japonesa dirigiu-se para Midway com o apoio de uma poderosa esquadra naval. O objectivo era a ocupação daquelas ilhas. Mas os Americanos tendo descoberto a tempo a manobra adversária, enviaram um forte

do Evangelho Carl Harbour

acciolo

núcleo de couraçados, de porta-aviões e de cruzadores e submarinos para a deter. Travou-se, assim, nas águas das Midway uma violenta batalha entre as forças aeronavais dos Estados Unidos e as do Japão, cujo resultado ia decidir da sorte do conflito no Pacífico. Os Japoneses bateram em retirada, pois o Alto Comando Nipónico teve de renunciar ao desembarque nas ilhas de Midway.

Dois meses depois, os Americanos tomavam a iniciativa, desembarcando em Guadalcanal, a ilha mais ao sul das Ilhas de Salomão, a chave-mestra de todo o sistema ofensivo e defensivo nipónico no Pacífico meridional. Depois de sete meses de combates violentos e sanguinolentos, os Japoneses viram-se obrigados a retirar. Era o início da queda. A uma a uma tiveram de abandonar as outras ilhas do arquipélago, depois as ilhas Birmarck, as ilhas do Almirantado, a Nova Guiné, as Gilbert, as Marshall, as Filipinas...

A marinha e a aviação dos Estados Unidos reforçadas com novas e modernas unidades navais e aéreas, tinham assegurado o domínio do Pacífico e podiam infligir às forças adversárias golpes irreparáveis. Entre os anos de 1943 e 1945 o general Mac Arthur conseguiu arrancar aos Japoneses, mediante custosas perdas espantosas de ambos os lados, mas muito mais aos Japoneses, todas as posições que estes últimos tinham conquistado nos primeiros seis meses de guerra. E não foi só isto; entrou, inclusivamente, com as suas forças no solo japonês. A aviação americana tornada senhora dos céus do Pacífico, feriu, duramente, todo o sistema bélico nipónico no território metropolitano: as indústrias foram



O conhecido pregador Billy Graham abraça o ex-capitão Fuchida, que é hoje fervoroso divulgador do Evangelho

destruídas, os tráficos internos paralizados, interrompidas as comunicações com o exterior. Nos princípios de 1945, a aviação e a marinha do Japão, que tão orgulhosamente tinham desafiado e ferido as forças americanas, em 1941 e 1942, estavam, praticamente, ausentes dos teatros de batalha. Aos Japoneses não restava senão o desesperado recurso dos *kamikase*, os pilotos suicidas.

Chegaram, finalmente, os terríveis dias de Hiroshima e Nagasaki, os dias 6 e 9 de Agosto de 1945. A bomba atómica, com os horrores indescritíveis que provocou nas desventuradas cidades, quebrou, de um só golpe, o orgulho desesperado dos Japoneses. Perante a tragédia alucinante e mais ainda, perante a assustadora ameaça, o Mikado resolveu pedir a cessação das hostilidades. Assim, no dia 15 de Agosto, com a rendição incondicionada dos Japoneses, terminava a guerra da Ásia Oriental e no Pacífico, depois de três anos e nove meses de carnificínias e perturbações inconcebíveis.

A queda extraordinária do Império do Sol Nascente perturbou muitos dos seus filhos que acreditavam na sua imortalidade. Por isso, muitas personagens de importância, nomeadamente entre os altos postos militares, se suicidaram a seguir à rendição.

Mas não lhes seguiu o exemplo o herói do Porto das Pérolas, o ex-capitão da aviação naval Mitsuo

Fuchida. Por que é que se haveria de suicidar? Embora tivesse sido educado no seio de uma família budista, não tinha, contudo, nenhuma fé religiosa, nem sequer acreditava, como faziam muitos dos seus camaradas, na divindade do imperador. Tivera como ideal a glória militar e por esse ideal se tinha batido com todas as suas forças. Tinha cumprido, fielmente, o seu dever de soldado e por isso, nada tinha de que se censurar. Portanto, não tinha nenhum motivo para se suicidar.

Poucas horas depois da destruição de Hiroshima, o ministério da aeronáutica enviou para aquele local o capitão Fuchida com outros onze peritos. Os doze homens percorreram os escombros — toda a cidade era um campo desolado de escombros — e entre os cadáveres horrivelmente estacelados, fizeram observações e investigações. Infelizmente ignoravam que o chão, que pisavam emanava invisíveis raios mortais. Regressados a suas casas, os homens da expedição começaram a morrer, todos, um a um, excepto o capitão Fuchida. Os médicos nunca souberam explicar esta incrível sobrevivência.

O ex-capitão Fuchida principiou a meditar na sua singular experiência; pareceu-lhe tratar-se de um sonho sobrenatural. No seu espírito de combatente inflexível nasceu um vislumbre de fé. «Não foram — disse alguns anos depois — as muitíssimas acções bélicas que realizei na última guerra, nem as

devastações que presenciei e provoqueei, que me iluminaram a fé. Bastou um sinal; compreendi, então, que Deus tinha posto a Sua mão sobre mim.» «O samurai de Porto das Pérolas encontrou a Deus, (*Epoca*, pág. 76). Aquele sinal fora a experiência de Hiroshima.

Seis anos depois, uma associação evangélica, a Liga para a difusão gratuita do Novo Testamento, numa edição de algibeira, fundava em Tóquio a primeira comissão japonesa. Os membros da Liga distribuíram, em pouco tempo, onze milhões de exemplares do Novo Testamento. Um daqueles livrinhos foi parar às mãos do samurai do Porto das Pérolas. Surpreendido, abriu o livrinho e leu: «E entrando Jesus em Capernaúm, chegou junto dele um centurião romano, dizendo-lhe: Senhor, o meu criado jaz em casa paralítico e violentamente atormentado. E Jesus disse-lhe: Eu irei e lhe darei saúde. E o centurião respondendo-lhe disse: Senhor, eu não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado sarará. Pois eu também sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu criado: Faze isto, e ele faz. E maravilhou-se Jesus, ouvindo isto... e disse ao centurião: Vai, e como creste te seja feito. E naquela mesma hora o seu criado sarou.» (Mateus 8:5-13).

Esta narração impressionou o seu espírito. Pareceu-lhe ver-se ali retratado. Aquele oficial, que com uma ordem faz movimentar os seus soldados... a sua impotência perante uma situação que não é capaz de controlar... a sua necessidade de se dirigir a um Ser sobrenatural e onnipotente... Também ele tinha ordenado aos aviadores: «Atenção! Bombardear!» e eles tinham bombardeado... Também ele tinha sentido toda a sua impotência perante situações que não tinha sido capaz de controlar... Também ele tinha sentido a necessidade de se dirigir a um Ser sobrenatural...

S. Paulo escreve na carta aos Romanos que o Evangelho «é poder

de Deus para a salvação de todos os crentes.» Eis um homem que tinha vivido muito longe do Evangelho, que tinha seguido ideais opostos aos que propõe o Evangelho, mas cujo coração era simples e honesto. A simplicidade e a honestidade são duas condições importantes para que o Evangelho possa actuar e transformar uma vida. E o Evangelho actuou com maravilhosa eficácia na vida deste ex-oficial da aviação japonesa.

Algum tempo depois de ter lido a narração acerca do centurião de Capernaúm, que tanto o tinha impressionado, o ex-capitão Fuchida foi aos Estados Unidos em certa missão. Em Inglewood, em Nova Jersey, entrou em contacto com a Liga para a distribuição gratuita do Novo Testamento, e inscreveu-se nela. «Quando assinei o documento — declarou mais tarde a um jornalista — já tinha sepultado para sempre a minha carreira de herói. Havia qualquer coisa de mais importante que as medalhas e de mais glorioso que um bombardeamento: fazer compreender aos homens, que acima da matéria está a fé. Resolvi iniciar este apostolado, contando, simplesmente, a minha história e mostrando a todos o livrinho que me tinham dado, com o passo referente ao centurião de Capernaúm.»

Estas palavras revelam como havia sido completa a acção do Evangelho no coração do ex-combatente nipónico. Empenhando-se em difundir a Palavra de Deus, tinha a consciência de sepultar para sempre a sua carreira de herói, o que é um sinal convincente do seu renascimento espiritual. Diz S. Paulo: «Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.» (2 Cor. 5:17).

O ex-capitão Fuchida havia descoberto algo que valia muito mais que as medalhas e a glória militar: fazer compreender aos homens o valor supremo da fé. E também este é um sinal de genuína conversão. Demonstra-o a experiência de S. Paulo: «E na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, pelo qual

sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo.» (Filipenses 3:8).

Na alma tocada pela graça divina nasce sempre uma necessidade impulsiva: a de fazer os outros participantes do dom inefável que ela mesma recebeu. Esta necessidade é evidente na resolução do ex-capitão Fuchida de ir pelo mundo fora a contar a sua história e a distribuir o livrinho que o tornou feliz.

Regressando à pátria à sua casa de Osaka, Fuchida disse um dia à esposa: «Minha boa Haluko, permite que eu vá pelo mundo fora a distribuir este livrinho; talvez eu assim esqueça, para sempre os mortos do Porto das Pérolas.» Foi assim que Mitsu Fuchida iniciou o seu apostolado. Desde então começou a ir por toda a parte com a inseparável malinha de mão cheia de exemplares da Bíblia, contando a sua história e distribuindo aquele livrinho que lhe deu a felicidade.

Assim o descreve um jornalista que o encontrou na Alemanha: «Um homem já de certa idade, com ar distinto andava na semana passada pelas ruas de Hamburgo; com uma malinha de mão, preta, de couro... Entrava nas casas, comerciais, aproximava-se dos transeuntes, abordava os marinheiros no porto, e dirigia-se com um sorriso aos turistas estrangeiros. Conforme as suas nacionalidades, assim lhes apresentava um Evangelho de S. João em francês, inglês ou alemão... Depois com uma inclinação de cabeça afastava-se...»

Aquele que tinha sido um oficial inflexível e desapiedado da aviação japonesa, aquele que com o seu arrojo e desprezo pelo perigo tinha dado ao seu país uma retumbante vitória militar, aquele que com duas bombas tinha morto, de uma só vez, 1072 homens, — esse mesmo é, agora, um humilde missionário, simples e afável.

Comovente milagre da graça divina, eloquente demonstração da eterna força regeneradora do Evangelho.

Sim, o Evangelho é, e será, sempre, «o poder de Deus para a salvação de todos os crentes.»